

MADAME SATÃ E OS IMAGINÁRIOS DA NOITE

Raphael Dorsa Neto¹

Florence Dravet²

RESUMO

No texto investiga-se a noite, o diabo e o mal como partes da construção social e imaginária do mito de Madame Satã. A metodologia segue à lógica da montagem que se relaciona não apenas com a montagem fílmica, mas sobretudo aqui com a montagem dos diversos fragmentos que constroem e alimentam o imaginário, por meio de analogias e associações.

PALAVRAS-CHAVE: Símbolo. Imaginário. Madame Satã. Noite.

INTRODUÇÃO

O presente artigo é um recorte de uma pesquisa mais ampla que consiste em uma montagem de reflexões em torno de imaginários relacionados ao universo em que viveu Madame Satã. Investiga-se a noite, o diabo, Exu, e uma encruzilhada de temas como o racismo, o analfabetismo e a homofobia que determinaram a história de vida de João Francisco dos Santos e a construção social e imaginária do mito Madame Satã. A montagem do texto, a partir de imaginários, traz a simbologia da noite, o diabo, Exu e constrói uma fundamentação que faz refletir sobre questões que, depois, formarão o conteúdo para a montagem de um documentário.

Poetas, músicos, pensadores da alma humana são abordados na pesquisa bibliográfica que narra como se dá o processo criativo, no limiar entre o consciente e o inconsciente, como os mitos são criados, e a relação entre Satã e a noite. A bibliografia de referência embasa uma abordagem das mitologias cosmogônicas de diversas culturas ao longo do tempo e ao redor do

¹ Mestrando em Inovação em Comunicação e Economia Criativa, Universidade Católica de Brasília. E-mail: raphaeldorsa40@gmail.com.

² Professora no Mestrado Profissional Inovação em Comunicação e Economia Criativa, Universidade Católica de Brasília. Email: flormd@gmail.com

mundo, do extremo oriente às Américas. O trabalho faz uma relação entre o aspecto criativo da humanidade e Exu, e como o Orixá foi intencionalmente relacionado ao diabo cristão e este, a posteriori, a Madame Satã, sua relação arquetípica com a noite e o desconhecido, e a ideia de lugar enquanto posição social, territorial e refúgio, identificando elementos que permitam uma interpretação de como se deu a construção de sua complexa imagem e personalidade enquanto mito maior da malandragem carioca.

1. À NOITE TODOS OS GATOS SÃO PARDOS

“À noite todos os gatos são pardos”, esta é uma expressão popular que remete a ideia de que, no escuro, todos os objetos possuem a mesma cor, todas as coisas são semelhantes ou mesmo iguais. Usada metaforicamente, a ideia também pode estar ligada ao fato de que, em meio a multidão, não é possível enxergar as particularidades. Os provérbios e ditados fazem parte da sabedoria popular e estão ligados à língua portuguesa e à literatura. Assim, pelo menos sob o ponto de vista linguístico, para os lusófonos brasileiros não existe nada mais inclusivo e plural do que a noite. Ao sabor do álcool e de outros prazeres, para a boemia todas as coisas parecem ter o mesmo tom; dificilmente se reconhecem as pessoas e as silhuetas a noite; tanto na escuridão quanto na penumbra tudo se confunde, incluindo aí os limites de legalidade e de marginalidade em um ambiente mais permissivo que tolera, notadamente, o que a maioria das vezes é condenado pela moral.

Seja pela simples fuga ou pela influência de Dionísio em beber o vinho e dançar para nos conectarmos aos deuses, os comportamentos ditos desviantes, associados muitas vezes ao período noturno, possuem todos uma relação muito próxima à luz da moral vigente, que por sua vez é definida por uma determinada sociedade em uma determinada época.

Conforme Leite, (2001, p.77), para Dionísio, Baco para os romanos, o espírito só teria sentido se provocado pelo corpo que fala, que deseja, que sente e que se expressa em direção ao que não conhece. A razão é então substituída pela intuição natural, pelo querer espontâneo e pela motivação lúdica. “Ao

descobrir o vinho e se deixar embevecido por ele, Dionísio acrescenta a música, os cantos e as danças para evocarem a atenção dos deuses. Acreditava ele que essa era a única maneira de chamar suas atenções...”.

Segundo Mônica Império Simiscuka, a noite para Fernando Pessoa aparece envolta em uma atmosfera de ambiguidade e incertezas, sendo exaltada, de maneira geral, como um meio estimulador de questionamentos íntimos, e a insistência na alusão do ambiente simbólico noturno e onírico, figurativo em diversas obras do poeta.

A insistência na alusão do ambiente simbólico noturno, onírico e figurativo em praticamente todos os poemas do “Cancioneiro” é sinal da importância dada por Fernando Pessoa ao elemento simbólico e, sobretudo, ao elemento específico a noite. Assim, a escuridão, as sombras, o sono, a insônia, o insone e a significativa presença dos sonhos...em conjunto com o símbolo maior que abarca todos os outros – a noite (SIMISCUKA, 2007, p.15)

Em Beira Mar, faixa do álbum A Peleja do Diabo com o Dono do Céu, de 1979, o cantor e compositor paraibano Zé Ramalho entende, citando o próprio, “a noite como um oceano que banha de sombras um mundo de sol”. Assim, a noite e o oceano possuem uma relação simbólica muito aproximada se analisarmos o mar, ou o oceano, como a imensidão azul, a infinitude, e daí vem o medo da solidão e do desconhecido, principalmente. O mundo de sol é o mundo visível, conhecido, seguro, a luz da razão. Ao longo da letra da música citada, o artista parece falar de coisas que não possuem nenhum vínculo direto com a beira-mar, e descreve uma gama de imagens associadas entre si para indicar aquilo que está além do que está sendo dito, fazendo, nitidamente, o uso dos símbolos. Ao invocar as águas a vir inundando, ele chama o inconsciente para assumir o controle, se lançando ao mundo quando cai a noite. Psicologicamente a água, onde há quadros e sonhos, significa aquilo que se tornou inconsciente, o mar escuro da noite, o desconhecido. Para Jung (2022), que estudou as relações e a influência dos arquétipos na composição da *psiqué* humana, a água é o símbolo mais comum do inconsciente.

Imagens primordiais profundamente arraigadas no inconsciente coletivo da humanidade, os arquétipos permeiam diversos aspectos da vida humana de

tal maneira que ele se referencia a coisas que não temos, sequer, a noção de sua existência enquanto conscientes. Então, o além do vale profundo, a água assim como a noite, representam o inconsciente que, de certo modo, fica sob a luz da consciência, sob a superfície da água, razão pela qual muitas vezes também pode ser chamado de subconsciente. A beira do mar é a zona cinzenta, a fronteira entre o consciente e o inconsciente, o claro e o escuro, o dia e a noite, que assim como na jornada do herói, um dos arquétipos junguianos descrito por Campbell¹, ela representa o limiar (pessoa ou lugar) que precisa ser atravessado, transposto.

De volta à Grécia antiga, berço da civilização ocidental moderna, *Nix* (*Nox* para os romanos) era uma deidade que guardava os mistérios do destino e os segredos noturnos. Filha primordial do Khaos, *Nix* foi um dos seres a emergir das trevas, o outro foi seu irmão e marido, Érebo. A Deusa Noite é mãe de Tânatos (a morte), de Hipno (o sono), de Momo (o sarcasmo), de Éris (a discórdia) e das Moiras, as fiandeiras responsáveis pelo destino dos homens. Para Leite, o destino humano é filho da noite porque nasce do simbólico. Falar, portanto, de algo que ultrapassa o homem em tempo e espaço somente é possível pela via do simbólico. (LEITE, 2001, p.9).

O simbólico é irremediavelmente arremido a toda e qualquer prova de racionalidade. Ele só se dá pela presença dessa diferença que está na realidade e não em nossa mente. O real no campo do simbólico é proveniente da realidade e não da razão que pensa o real.

Para Platão, ao se libertar dos grilhões que o prendem à caverna, o indivíduo aprisionado durante toda a sua vida não poderia enxergar a verdade diretamente, metaforicamente falando, ele não poderia olhar para a luz diretamente, sem sofrimento. Por não ter vivido a experiência de ver as coisas como elas são, apenas murmúrios e sombras refletidas nas paredes no fundo de uma caverna o homem precisa, aos poucos, habituar-se a ver primeiro as coisas que estão na superfície da água (mais uma vez a noite e água usadas como uma metáfora do inconsciente) para poder erguer os olhos para o alto e contemplar o Cosmos em sua plenitude. Para Leite, depois de viver na ignorância, seria preciso ao indivíduo, antes, habituar-se a noite para enxergar

o mundo superior. Platão assim afirma que não se pode desconsiderar o escuro, a noite, para enxergar a realidade (LEITE, 2001, p.88).

Inicialmente, o que ele olharia mais facilmente seriam as sombras, depois as imagens dos homens e outros objetos refletidos nas águas, depois os próprios objetos; depois erguendo o olhar para a luz dos astros e da lua, ele contemplaria durante a noite as constelações e o próprio firmamento mais facilmente do que o faria durante o dia, ao sol e ao brilho do sol.

Nas mitologias cristã e islâmica, a noite é geralmente usada para representar um período de dificuldades, de obstáculos, algo a ser enfrentado, temido e atravessado com cautela, visto que ela é a hora em que os animais selvagens perambulam, em que os contrários confabulam, em que exércitos se lançam em assalto.

Segundo o mito Waimiri-Atroari da criação da noite, este parece estar ligado, também, ao advento da agricultura e ao abandono do nomadismo, representando indubitavelmente o repouso. A lenda diz que nas aldeias de todo o mundo, era sempre dia, então os homens nunca paravam de caçar, nem as mulheres paravam de cozinhar e de limpar. O Sol (Guaraci ou Coaraci) seguia do leste para o oeste e depois fazia o caminho inverso, do oeste ao leste, sem jamais se pôr. Um dia, porém, quando Tupã (o Supremo Deus Trovão) havia saído para caçar, um homem tocou o Sol e este quebrou-se em mil pedaços. A partir de então, as trevas reinaram nas aldeias. Tupã, inconformado, recriou o Sol, mas este não voltaria mais do oeste para o leste, então criou a Lua (Jaci) e as estrelas para iluminar a noite³.

O mito Munduruku das serpentes que criaram a noite, encontrado na obra de Daniel Munduruku (2001), relata que num tempo imemorial existiu um guerreiro, Karu Bempô, que foi escolhido pela tribo para ir ao Reino das Serpentes e libertar a noite em troca do veneno usado nas flechas da tribo. Após

³ <https://www.recantodasletras.com.br/juvenil/5397366> acessado em 27 de julho de 2022.

realizar várias viagens ao Reino das Serpentes, Karu Bempô conseguiu resgatar a noite em troca do veneno que serviria para todas as serpentes. Assim, o guerreiro libertou a noite para o descanso da tribo e de todos os animais.

A estruturação mítica de muitos povos da América pré-colombiana parece estar, de alguma forma, ligada ao fato histórico do abandono do nomadismo e a conquista de territórios. Assim como o mito Atroari, o mito Asteca da criação do sol oferece uma narrativa em que forças opostas como o sol e a noite, travam uma batalha cósmica. Dia após dia, o Sol (*Huizilopochtli*) ao nascer deve lutar contra seus irmãos que dominam o Céu Noturno (*Tezcatlipoca*), como a Lua e as estrelas. Para derrotá-los, o Sol usa seus raios em forma de serpente perseguindo e matando as estrelas, fazendo-as desaparecer.

Para Bordin, o nascimento do Sol é relacionado com a mudança de direcionamento assumido pelas tribos astecas, ou seja, a “morte” do nomadismo lunar para dar lugar a sedentarização agrícola caracterizada pelo sol. O Céu Noturno, por sua vez, estava relacionado a outros deuses estelares e com aqueles que significam morte, maldade e destruição (2003, p.32).

Essa possibilidade pode encontrar respaldo na peregrinação da tribo asteca, que lentamente se distanciava de outros povos para seguir seu próprio caminho em busca de residência fixa – procura marcada por intensos combates de tribos diferentes para ocupação de terra...

Antes da revolução agrícola, a maioria das culturas baseava seu sistema de crenças, religiões, em divindades locais, como montanhas ou os animais da região. Foi após a revolução que o sol assumiu um papel predominante. Os templos do sol e sua adoração foram abundantes na Antiguidade, desde a Ásia, o Egito, até os maias e astecas na América Central e do Norte, e a civilização inca, na América do Sul.

Nas mais diversas culturas antigas, o sol foi representado como um deus. No Japão, entretanto, ele foi representado por uma deusa, Amaterasu. Curiosamente, a lenda japonesa da deusa xintoísta Amaterasu possui similaridades com o mito Atroari, não pela criação da noite em si, mas tendo a

noite como a ausência da luz. Assim, dentro da tradição japonesa, *Amaterasu-o-mi-kami*, a "Gloriosa Deusa que Brilha no Céu", é cultuada no solstício de inverno no Hemisfério Norte, quando os dias são mais curtos, e os devotos oram pelo renascimento do sol, momento que a divindade finalmente deixará a caverna e restituirá a luz e o calor ao mundo ao fim da estação.⁴ De acordo com a lenda, Amaterasu tinha um irmão, o deus da tempestade, Susanoo, e que devido a uma situação desgastante causada por ele, acabaram se enfrentando fazendo com que ela escolhesse impor a si mesma um exílio. Confinada em uma caverna, Amaterasu trouxe trevas infinitas ao mundo.⁵⁶

Ao redor do mundo a aurora simboliza a dissipação das trevas, uma estigmatização da noite como representação do mal, ou o período onde este se manifesta, mas nem todas as culturas tendem a satanizar a simbologia da noite. Luz e trevas são opostos recorrentes e complementares em diversas outras sociedades, como, por exemplo, na filosofia chinesa.⁷ Na cultura chinesa o Yin (representado pelo lado pintado de preto) e o Yang são o par de forças primordiais do universo, simultaneamente antagônicos e complementares, em perpétua oscilação de predominância, presentes desde as manifestações cósmicas até as manifestações psicológicas e sociais do ser humano.

Segundo Jain e Daljeet, na origem de Kali, a mulher mais poderosa do universo hindu, o mito envolve não apenas sua aparência e forma, mas também as suas várias representações. Há três linhas mais significantes que foram traçadas para encontrar sua origem que personificam os três aspectos do ato cósmico: a criação, a preservação e a aniquilação. Algumas vezes Kali é vista como uma transformação, ou uma forma que se desenvolveu a partir de alguma das divindades descritas nos Vedas, especialmente Ratridevi, ou a Deusa da Noite Profunda, também chamada Maharatri, ou a Noite Transcendental, e também Nirtti, a Dançarina Cósmica. Alega-se que o aspecto mais sombrio de

⁴ <https://site.aliancacultural.org.br/amaterasu/> acessado em 27 de julho de 2022.

⁵ <https://nova-acropole.org.br/agenda/ilhadogovernador/palestra-cultural-amaterasu-a-deusa-japonesa-do-sol/>

⁶ <https://coisasdojapao.com/2019/10/amaterasu-o-que-faz-dessa-divindade-a-kami-mais-importante-do-japao/>

⁷ <https://www.clubedechines.com.br/blog/o-que-e-yin-yang/>

Kali se desenvolveu a partir de Ratridevi, e sua dança, que Ela realiza para destruir, teria se originado na dança cósmica de Nirtti que também pisava sobre tudo o que caía sob seus pés. Kali representa a noite cósmica. Porém, o que define Kali e também o cosmos que Ela manifesta, é a fusão de contrários – não apenas como duas coisas que existem juntas, criação e destruição, mas como dois aspectos essenciais da unidade, a ambivalência. Indicando seu poder ilimitado de destruição, a aparência assustadora de Kali é seu poder para dispersar o mal, o perverso (JAIN; DALJEET, 2009).

Assim como no extremo-orient, a cultura lorubá, por sua vez, também tem na dualidade a sua equivalência. Assim, as dualidades se complementam: o nascimento e a morte, o masculino e o feminino, o dia e a noite, as árvores e os rios, e são o âmago da cosmogonia lorubá. É a partir daí que as divindades, os Orixás, seres primordiais que representam as forças da natureza, desempenham os seus papéis nas vidas dos mortais. Essa visão dualista é fruto de extrema sensibilidade e de uma profunda contemplação da natureza, que é diversa, plural e que tem os seus humores dentro de um sistema de pesos e contrapesos que, para a crença lorubá, traz equilíbrio e ordem ao Universo, posto que, segundo Beniste, estas divindades são seres de natureza complexa (2006, p. 77): “Esses seres divinos são de natureza complexa e sempre devem ser considerados em conjunto. Segundo as tradições reveladas, alguns seriam divindades primordiais pela convivência com o Ser Supremo nos primórdios dos acontecimentos”.

Assim, Beniste, ao entrar neste universo mítico, pleno de tradições e de oralidade, possibilitou que vislumbrássemos como o simbolismo religioso é capaz de mostrar a conexão entre as divindades e o mundo terreno, especialmente em sociedades que tinham práticas ritualísticas como parte de seu cotidiano.

Para Mircea Eliade (2000, p.7) “o mito é considerado uma história sagrada e, portanto, uma história verdadeira, porque sempre se refere a realidades”. Em sua mitologia, os gregos, e posteriormente os romanos, assim como várias outras culturas em suas cosmogonias, tentavam explicar, ou

mesmo explicam, de maneira intuitiva, o que a razão não era, e ainda não é, capaz de fazê-lo, pois o culto a algo ou a alguém, ainda que seja um ato de tempos imemoriais, talvez primitivo, persiste até os dias de hoje.

Tido como o organismo vivo mais desenvolvido e privilegiado da criação, fruto da evolução biológica e do conhecimento científico-cultural e tecnológico acumulados através dos tempos, a humanidade, apesar de todo avanço, permanece a meia-luz quando se trata da compreensão de sua própria condição, de seus próprios sentimentos e comportamentos, como por exemplo o irracional comportamento de culto a alguém, ou a alguma coisa, ou o fascínio e o medo ancestral pela noite. A narração da criação do cosmos a partir de um discurso não racional, e sim mítico, está intrinsecamente relacionada a fusão de diversos elementos, ou forças, ou princípios que são universais e primordiais e que são encontrados em todas as culturas. Simbolicamente o mito reside naquilo que não se prever ou explicar, tampouco racionalizar, o mito reside no intangível, naquilo que não se consegue racionalmente estruturar, adentrando por completo no campo do desconhecido, que é propriamente o ambiente mítico.

Pesquisadores de todo mundo declararam que haveria prejuízos para a fisiologia, consequências danosas tanto para os animais quanto para os seres humanos, na ausência de alternância regular entre dia e noite, uma realidade que interromperia vários padrões metabólicos. “...alegaram que o céu noturno é um bem comum ao qual toda a humanidade tem direito, e que desfrutar da escuridão da noite e observar as estrelas é um direito humano básico que nenhuma empresa pode anular” (CRARY, 2014).

Entretanto, se o céu noturno é realmente uma divindade, um direito ou um privilégio, conforme Crary (2014, p.8), ele já está sendo negado para mais da metade da população mundial em megalópoles que estão permanentemente envoltas em uma atmosfera de poluição, caracterizadas pelo céu vazio, no qual não se vê nenhuma estrela devido a iluminação de alta intensidade, onde qualquer referência se perde e nenhuma orientação é possível. Metaforicamente, a transformação da noite pela contemporaneidade pode

representar outros riscos não apenas para a fisiologia humana. Para a *psiqué* humana esta transformação já é percebida.

A noite e o medo da noite sempre povoaram o imaginário do ser humano. Antropólogos acreditam que os primeiros humanos foram aos poucos incorporando esse medo, adquirindo a noção de que a noite e o escuro favorecem o acontecimento de coisas ruins. Na atualidade um fenômeno vem chamando a atenção devido ao crescimento do número de pessoas no desenvolvimento de fobias diversas. Uma delas, é o medo do escuro ou Nictofobia. Ao longo da história, a humanidade tem criado ferramentas para afastar a escuridão e todos os seus perigos, porque biologicamente o ser humano sempre esteve em desvantagem diante de predadores que usam a escuridão como camuflagem. Por isso, até certo ponto, o medo da escuridão é uma reação natural, desenvolvida pela evolução como um mecanismo de sobrevivência. Porém, é importante enfatizar que o modelo de produção do trabalho que tem como base a necessidade de consumo, faz com que as pessoas vivam com altos níveis de estresse. Ansiedade e depressão vigoram entre os maiores problemas de saúde pública da atualidade. Como as fobias têm ligação direta com os quadros de ansiedade, muitas delas vêm aumentando sua incidência.⁸

Período de sombras, onde a visão fica prejudicada e os outros sentidos se aguçam, dando asas ao imaginário, a noite é a grande criadora dos mitos ao longo da História, com os quais todos os grupos humanos, sem exceção, demonstravam seus próprios temores. Como uma representação ancestral do medo natural ao desconhecido, e milhões de anos de evolução, a noite foi retratada de várias maneiras, sendo um tema recorrente na filosofia, na antropologia, na religião, na literatura, nas artes, entre outras áreas de estudo, e em diversas sociedades. No sentido literal, a noite, tanto para a cultura quanto para o entretenimento, é um campo fértil para a criação de patrimônio material e imaterial, é estímulo para artistas, para a geração de renda e de emprego em

⁸ <https://www.abc.med.br/p/psicologia-e-psiquiatria/1305918/o+medo+do+escuro.htm> em 08 de setembro de 2022

uma ampla e diversificada cadeia produtiva, enquanto outras categorias de trabalhadores descansam de sua jornada diurna ou buscam um momento fugaz de ilusão.

O simbolismo da noite não se esgota aqui, vai mais além. Narrativas e histórias podem moldar valores estéticos e sociais diferenciados, pois as histórias e as memórias sempre estruturaram nosso imaginário. Há uma infinidade de variáveis que estão direta ou indiretamente relacionadas as maneiras de percepção, de cognição da realidade, e que condicionam as diversas visões de mundo. Por consequência, a narrativa não é um fim em si mesma, mas um meio para alcançar um lugar, um lugar não físico, entre a realidade, aquilo que é percebido e aquilo que é narrado. Neste contexto, partindo da mitologia ou da referência histórica, tanto Satã quanto Madame Satã são tidos como seres da noite.

2. OS NOMES DO DIABO

Assim como a noite, o mito de Satanás já foi tema em diversas culturas e abordado de diversas formas por grandes escritores ao longo dos séculos como: Guimarães Rosa, Fernando Pessoa, Machado de Assis e os “satanistas” Baudelaire, Lord Byron, John Milton, Goethe, Dante entre outros.

O Diabo possui vários nomes, estes vão de Satã, Demônio, Rei do Inferno, Belzebu, Anjo Mau, Tinhoso, Anjo das Trevas, Canhoto, Cramulhão, Cramunhão, Cão, Cão-Tinhoso, Cão-Miúdo, Chifrudo, Cornudo, Jurupari, Mafarrico, Maldito, Maligno, Malvado, Mau, Mal, Pai do Mal, Pai da Mentira, Príncipe das Trevas, Satanás, Serpente, Tentador e tantos outros até chegar a Lúcifer. O termo Diabo, segundo Link, fora introduzido pelos judeus de Alexandria, na era Ptolomaica do império egípcio, que, ao realizarem uma versão do Antigo Testamento para o grego, traduziram o *satan* hebraico para o grego *diabolos*. A palavra Diabo, então, provém de três línguas diferentes: o hebreu, o grego e o latim, sendo respectivamente; *satan*, *diabolos*, *diabolus*. (LINK, 1998, p.24).

Lúcifer era um anjo. Segundo o livro do Gênesis, Lúcifer veio a antes da criação do mundo e dos homens, antes de sua aparição como Satanás, sob a forma de serpente, no Jardim do Éden, ao seduzir o primeiro casal humano ao cometimento do primeiro pecado. Podemos observar em Isaías 14:12-14, uma indicação sobre Satanás, afirmando que este foi, em uma época passada, puro e verdadeiro, mas que, com o passar do tempo, teve sua figura transmutada de uma figura angelical para uma figura grotesca, repulsiva, abjeta.

Como você caiu dos céus, ó estrela da manhã, filho da alvorada!? Como foi atirado à terra, você, que derrubava as nações! Você que dizia no seu coração: Subirei aos céus; erguerei o meu trono acima das estrelas de Deus; eu me assentarei no monte da assembleia, no ponto mais elevado do monte santo. Subirei mais alto que as mais altas nuvens; serei como o Altíssimo. (Isaías 14:12-14)

Em A Divina Comédia, escrita no início do século XIV, o florentino Dante Alighieri, descreve a figura de Lúcifer. A sua interpretação é baseada no grotesco, na ideia do anjo caído possuidor de asas que não são mais belas e angelicais, e sim grossas e escuras como as asas de um morcego. O Lúcifer de Dante é descrito como um monstro repulsivo, abjeto, com três faces, e cada uma delas com uma cor diferente, que devora os pecadores de acordo com seus pecados. Além das três faces coloridas e diferentes, e também das asas, Dante descreve o Diabo com o seu corpo completamente coberto de pelos, destacando uma característica animalesca da criatura. (ALIGHIERI, 2008, p. 224-228)

Satã, o anjo caído que é inimigo e o oposto de Deus, a escuridão, o obscuro, o inimigo das obras de Deus, incluindo a humanidade, nasceu duas vezes. O imaginário popular ocidental, desde Dante e do pintor Giotto⁹, carrega consigo o conceito daquilo que seria a personificação de Lúcifer, o Portador da Luz, a Estrela da Manhã, o Filho da Alvorada, o Príncipe do Mundo, como aquele que foi condenado por causa do seu orgulho, onde tal orgulho o levou a querer ser igual ou superior a Deus, e por isso perdeu a sua beleza, a sua luz e a sua graça, tornado-se o Diabo. Entretanto, uma leitura feita acerca da

⁹ Giotto di Bondone, pintor e arquiteto italiano é considerado o introdutor da perspectiva na pintura da época e o precursor da pintura renascentista, o elo entre o renascimento e a pintura medieval e a bizantina.

influência de literaturas de outros povos sobre a composição do livro hebraico de Jó, que não era israelita, no Antigo Testamento, colabora na desconstrução desta ideia.

O Império Persa era dividido em diversas regiões, as satrapias, governadas pelos sátrapas. Assim, há uma probabilidade de que o personagem *satã* seja uma crítica a este Império devido a uma aliteração do nome hebraico *hassatan* e os sátrapas. Satanás não é apenas um nome de um ser, é um título, especialmente no contexto de demanda judicial, como em Zacarias 3:1. Está ocorrendo, portanto, uma disputa judicial referente à soberania sobre a Terra. Dentro do texto bíblico, percebe-se que *satã* não só acusa os seres humanos, como também se opõe a eles (ROSSI, 2011).

Ainda sobre a função do personagem dentro do panteão celestial, bem como a citação deles, os “Filhos de Deus”, no livro de Jó e em outros textos bíblicos, a expressão hebraica *hassatan*, tem o intuito de revelar o seu sentido original de sentinela, de espião de Deus (a referência mais adequada à Exu) ou espécie de promotor.

Patrulhar a Terra, observar o comportamento humano, testar as virtudes ostensivas por diferentes meios. Estar preparado, após consultar como o Comando Superior, a instigar medidas preventivas ou punitivas contra ações pecaminosas. Agir como acusadores no tribunal e declarar veredictos contra os culpados (KELLY, 2008, p. 37).

A encarnação de todos aqueles medos ancestrais e que nos acompanham desde o alvorecer da humanidade foi encontrada na Babilônia, o Oriente Médio de 1.000 a.C, todos os medos descritos em único ser chamado Pazuzu. No entanto, essa relação pictórica que remete este “satã”, ou diabo, ou demônio, ao Mal, é uma relação equivocada, ou mesmo ambivalente, semelhante a descrição da figura assustadora de Kali nos vedas indianos. Diferentemente da representação da imagem mostrada no clássico do cinema O Exorcista, de 1973, dirigido por William Friedkin, Pazuzu, conforme Jeremy Black e Anthony Green, era um espírito que protegia as gestantes, em especial os fetos, as crianças pequenas e os recém-nascidos, da deusa Lamashtu, que subitamente tomava as suas almas. Lamashtu, no entanto, não pode ser

considerada um demônio semelhante aos demais demônios mesopotâmicos, pois ela é filha do deus Anu e, por conta disto, gozava de privilégios estando acima destes outros seres; podendo praticar seu Mal por livre e espontânea vontade (2014, p.115-116) .

Pedro Augusto Gomes descreve a iconografia de Pazuzu como sendo um corpo humanóide com cabeça de cão coberta por escamas, olhos esbugalhados, dois pares de asas, presas, patas de um grande felino, garras de ave de rapina, pênis com cabeça de serpente e uma cauda de escorpião. Pazuzu é um “demônio” do vento que abandona seu clã tempestuoso para se tornar, ele mesmo, um espírito benevolente que luta contra os outros ventos injuriosos (2021, p.17-18).

“Eu sou Pazuzu, filho de Hanpu, rei dos malignos demônios dos ventos (lilû), / Eu subi uma montanha poderosa que tremeu, / e os (maus) ventos que eu encontrei lá estavam indo para o oeste. / Um por um, eu quebrei suas asas.”

Pazuzu se autodeclara um vento e, cada vento é um “demônio” dos quais Pazuzu quebra as asas, impedindo que alcancem suas vítimas. Entender os ventos era um papel fundamental para a prática médica do primeiro milênio – época de Pazuzu – quando os textos propõem que o elemento, o vento, carregava consigo inúmeros tipos de doenças; como: doenças nos olhos, problemas de pele, doenças respiratórias, doenças ligadas ao sistema digestivo, entre outras.

Especialmente no budismo, os demônios são interpretados como ações, ou mesmo pensamentos, que trabalham para bloquear ou impedir as pessoas em sua vida cotidiana.¹⁰ Para o budismo o Mal absoluto não existe, ele é Mara, o oposto de Buda, que é o estado de plena Iluminação, uma capacidade latente presente em todo ser vivo. Mara teria tentado de variadas maneiras impedir Sidarta de alcançar a Iluminação, e que, assim como Buda, também vive no interior de cada pessoa tentando mantê-la na ilusão do mundo, para não enxergar as quatro nobres verdades, que são: a vida é cheia de sofrimento; a causa do

¹⁰ <https://pt.scribd.com/document/231431463/O-Gohonzon>

sofrimento é o apego a ilusão; a libertação do sofrimento é possível ao se desapagar da ilusão e que; ao alcançar a iluminação o sofrimento cessa.

No livro *Sem Lama Não Há Lótus*, lançado em 2016, o monge e poeta vietnamita Thich Nhat Hanh¹¹, descreve um diálogo entre Buda e Mara, no relato incrédulo do principal discípulo de Buda, o Venerável Ananda.

Se existir uma criatura que seja má, o tempo todo, por toda a eternidade, deliberadamente, com todas as outras criaturas que existem, sem exceção, certamente este ser é o Diabo, ou melhor, Mara. Mara é a personificação de toda depravação e delusão, tudo o que nos faz sofrer na vida.

Assim, enquanto Buda fazia um retiro solitário em uma caverna, Mara vai visitá-lo, e conversaram como se fossem grandes amigos. Nesta ocasião Mara diz à Buda que está infeliz e que gostaria de desempenhar outro papel.

Mara: “Os meus discípulos não estão me ouvindo mais. Eles costumavam fazer tudo o que eu dizia para eles fazerem, mas hoje em dia eles querem se rebelar. Todos os meus generais, todos os meus soldados, todos os meus discípulos querem praticar a consciência plena, querem praticar andando em meditação, querem praticar comendo em silêncio, querem proteger a Terra. Querido Buda, eu estou tão cansado de ser Mara, eu quero ser outra pessoa. Não pense que ser Mara é somente festas extravagantes, jogos e diversões”.

Buda sorriu. “Você acha que ser Buda é uma grande diversão? Você sabia que as pessoas falam coisas que eu nunca disse e depois dizem que fui eu quem disse aquilo? Elas fazem coisas que eu nunca fiz ou as encorajei a fazer, mas elas dizem que fui eu quem as encorajei a fazer tais coisas. Eu abri mão da minha elevada reputação, da minha posição principesca, e de uma infinidade de prazeres sensuais disponíveis. Eu abandonei meu trono, minha linda esposa e bebê, futuros filhos e riqueza, tudo para que pudesse realizar a libertação. Mas agora as pessoas vêm ao templo orar e me suplicar para dar-lhes todas as coisas que eu renunciei! Mara, faça o seu trabalho. Faça-o melhor que você puder. Eu farei o meu. Nada é fácil o tempo todo. Eu sei que ser Mara é muito difícil. Mas ser um Buda também tem suas dificuldades. Cada um de nós tem que desempenhar o nosso papel com todo o coração”. (NHAT HANH, 2016, p. 32-34)

Curiosamente, as figuras que abraçaram o Mal por livre e espontânea vontade, como é o caso de Lamashtu, sequer foram nomeadas como demônios ou como sendo O Diabo, devido a sua posição privilegiada na teogonia mesopotâmica. No entanto, em diversas culturas, boa parte destas figuras

¹¹ Mestre Zen por excelência, Thich Nhat Hanh foi um dos líderes espirituais mais proeminentes, respeitados e queridos do mundo. Professor e ativista da paz e dos direitos humanos, faleceu em janeiro de 2022 aos 95 anos de idade.

malévolas, em maior ou menor grau, ou foram boas em algum momento ou tornaram-se boas após o arrependimento pelos seus atos e por profunda devoção ao Bem, como a lenda das filhas do dragão Kishimojin. Independentemente da cultura onde está inserida, a figura do contrário, ou o Mal, busca em si o reconhecimento de que sem a sua presença a existência dos seres humanos seria vazia, e que aquelas figuras que se sujeitam a exercer este papel tenham sempre garantida, de alguma forma, a sua chance de redenção.

Kishimojin (ou Hariti, no Japão) é um dragão, um demônio feminino que vivia na Índia antiga. Apesar de bela em sua forma humana, Kishimojin raptava crianças perdidas ou abandonadas para alimentar sua extensa prole, alguns escritos dizem quinhentos, outros dez mil filhos. Diz a lenda que para combater o desaparecimento das crianças de um determinado reino, um governante ordenou aos soldados que patrulhassem as ruas e que as crianças permanecessem em suas casas. Kishimojin sentia prazer ao ver a aflição dos pais. O povo, assustado, pediu ajuda ao Buda, que decidiu ir até a casa de Kishimojin, e esconder sua filha mais nova, Binkara. Quando Kishimojin retornou à casa e notou o desaparecimento, procurou pelo mundo inteiro durante sete dias sem sucesso. Enfim, sem opções, e em completo desespero, pediu ajuda ao Buda que, percebendo sua sinceridade, antes de lhe devolver Binkara, a repreendeu rigorosamente e o reino encontrou a paz. Desde então, Kishimojin e suas 10 principais filhas, as Jurassetsunyo, são demônios protetores do budismo e dos praticantes do Sutra de Lótus, e se alimentam de romãs. A história de Kishimojin e suas filhas contém tudo o que é inerente ao ser humano, tanto o Bem quanto o Mal.¹²

Ao voltar os olhos para a mitologia, assim como para a noite, Satã é tema para as artes, para a literatura, para a música, para a teologia, para a antropologia entre outras áreas do conhecimento. Do nascimento de Satã, com seus vários nomes e representações ao longo da História, até o nascimento de Madame Satã, passaram-se incontáveis dias e incontáveis noites. De lá para cá, durante

¹² <http://www.seikyopost.com.br/budismo/a-bela-kishimojin>

este caminho milenar, o pensamento mítico foi paulatinamente sendo sobreposto pelo pensamento lógico-matemático e pela filosofia. Mesmo assim, as sombras são uma parte viva da personalidade e por isso querem emergir de alguma forma. Para Jung, não é possível anular o arquétipo da noite, ou sombra, com argumentação, ou torná-lo inofensivo através da racionalização.

Conforme Costa e Andrade, na maioria das vezes o Diabo é representado como um anjo nu, pintado em tinta preta. A nudez pode ser tanto uma representação da tentação ou a ideia de um ser não social, ou seja, que não vive mais em sociedade desde a sua expulsão do Paraíso celestial. A nudez tornou-se desnudamento, e desnudamento tornou-se degradação e humilhação, um sinal de ser enxotado como um louco ou como um animal (2012. p, 49-160).

3. O NASCIMENTO DE MADAME SATÃ

Quando Madame Satã surgiu João Francisco contava com cerca de quarenta anos de idade, assumindo, muitas vezes, o arquétipo do herói, ou melhor, do anti-herói. Antes já cumpria o papel de pai, e o foi para meia dúzia de crianças abandonadas¹³, talvez por ter sofrido igual abandono, sendo em todos os relatos registrados, um pai cuidadoso, o homem e o provedor da casa, separando nitidamente os papéis desempenhados. Ele já trabalhava na noite. Ele já era transformista e seu corpo negro, e seminu, era uma afronta a moral vigente, uma descrição do próprio Satã dantesco. Esteticamente, pelos padrões greco-romanos, referência ainda marcante nas culturas ocidentais até a atualidade, João não era bonito, assim como não eram bonitos Kali ou Pazuzu. Ele já havia sido preso antes, portanto João era um contrário, um transgressor, um provocador, um satã, aquele que precisava ser combatido, em nome de “Deus, da Pátria e da Família.” Ele é o Diabo, devorador de homens, a antiga Serpente amarrada por mil anos que arrastou consigo a terça parte dos anjos celestes, a besta descrita no Apocalipse de São João Batista – 20:2.

¹³ Alguns autores dizem cinco, outros dizem sete filhos adotivos.

O mito Madame Satã nascia não por uma profecia predita por um oráculo místico em um templo grego antigo, tampouco foi deixado como herança passada de geração para geração a uma ialorixá ou um babalorixá de um terreiro de Candomblé secular da Bahia, muito menos por ter sido referência em uma citação nominal de alguma escritura sagrada igualmente antiga no Oriente Médio ou em um pergaminho do Extremo Oriente. Jesus nasceu duas vezes, a segunda vez foi como o Cristo, pelas mãos de João Batista, no rio Jordão. Conforme a tradição, Jesus Cristo renasceu pela água e pelo espírito. A ideia da experiência mística de um segundo nascimento é recorrente e encontrada em todo tempo e lugar.

João Francisco dos Santos nasceu duas vezes. A primeira vez como João, em Glória do Goitá, região da zona da mata pernambucana, e a segunda vez de batismo, Madame Satã, pela boca de um delegado de polícia no momento de sua detenção, para averiguação, em uma delegacia no Centro da cidade do Rio de Janeiro, com o nome que o imortalizou, em referência a um filme de Cecil B. DeMille, a comédia musical *Madam Satan*¹⁴ (Madame Satã), de 1930, e que tinha em seu elenco a atriz Kay Johnson, com um figurino de diaba, para a cena do baile de máscaras. O delegado Dulcídio Gonçalves assim que o viu fez logo a conexão, pois tinha assistido ao filme e também ao desfile/concurso de fantasias promovido pelo Bloco Caçadores de Veados, no Teatro República, o qual João venceu desfilando com sua fantasia de morcego no Carnaval de 1938. Na sequência, uma citação direta de João sobre o assunto, e se referindo ao delegado Dulcídio Gonçalves, figura diretamente envolvida, segundo o próprio João Francisco, no batismo do mito Madame Satã, (2022, p. 54).

Como ele era novo nesse distrito, ele não sabia que eu era o Caranguejo da Praia das Virtudes, eu é que não ia dizer. E, também, não era esse o apelido que queria ouvir porque Caranguejo da Praia das Virtudes era apelido de malandro e valente. Apelido de boneca era outra coisa.

¹⁴ <https://filmow.com/madame-sata-t39398/ficha-tecnica/> Acesso em 11/02/23.

De uma intrincada teia, no sentido cliffordiano de que os indivíduos “tecem” as teias de significados que compõem a sua própria cultura (1998), nascia Madame Satã sobre um tecido social esgarçado repetidas vezes e estendido em um vasto campo de interseccionalidades. Satã era um verdadeiro Exu das encruzilhadas, personagem de uma geografia humana complexa, advinda de diversos ramos entrelaçados de uma genealogia ancestral que é a base de sua personalidade forte, de sua individualidade, de suas subjetividades e de sua resistência. Se provocadas por determinadas forças opressivas, coercitivas, nossas sombras, despertadas, podem alcançar proporções monstruosas, seja individual ou coletivamente.

Madame Satã é um personagem histórico da noite, que desafiou as normas de gênero e sexualidade em uma época em que estes temas eram ainda mais tabus do que nos dias de hoje. Se apresentava como artista em bares e cabarés, e sua figura era icônica nas madrugadas boêmias do Rio de Janeiro. Sua relação com os imaginários da noite é muito poderosa, já que ele se tornou uma espécie de símbolo da vida noturna e dos diferentes tipos de pessoas que nela habitam e que dela obtêm seu sustento. Seu estilo extravagante, sua personalidade forte e sua coragem em se afirmar como homossexual, transformista e malandro viril fizeram dele um ícone da cultura *queer* e da contracultura, que influencia até hoje as artes e a vida noturna carioca e brasileira. Sua relação com a noite está diretamente ligada ao fato de que ele representava uma figura marginalizada e excluída da sociedade da época, que encontrava nos espaços noturnos um espaço de afirmação de sua identidade e expressão artística.

Além disso, Madame Satã também encarnava uma espécie de transgressão dos valores normativos da sociedade da época, desafiando as normas e se impondo como uma figura forte e irreverente. Sua presença nos imaginários da noite, portanto, representa uma forma de subversão e resistência cultural, que muitas vezes se manifestava através do humor e da ironia. Madame Satã foi um importante representante da noite, noite que lhe

proporcionou um lugar de realização pessoal, bem como uma plataforma para a transgressão dos valores normativos da época.

Satã foi antes o menino explorado desde cedo quando foi trocado por uma égua pela própria mãe, aos seis anos de idade. Com treze anos, para fugir de mais uma situação de exploração na qual se encontrava desde que chegou ao Rio de Janeiro aos oito anos, dormia em cestos sujos na Praça XV, sobrevivendo nos becos do centro e vielas da Lapa, alugando, depois, uma vaga em uma escada para poder dormir. João era um menino perdido tentando encontrar um lugar no mundo.

Conforme Geisa Rodrigues Leite da Silva, no início de sua vida, João engrossou o caldo de uma população que nas primeiras décadas do século XX habitava a região central do Rio de Janeiro e vivia de atividades não reconhecidas, como ambulantes, artesãos, quituteiras, e mesmo pedintes, fugindo ao controle do poder estatal (2013, p.28). Menino sem lar, anônimo e vagando pelo centro do Rio antigo, ganhava alguma coisa carregando compras e comendo quando podia, era a própria encarnação do Senhor das Ruas. *Laroyê, Exu!*¹⁵

E não tinha folga. E não ganhava nada. E não tinha estudo nem carinho. Era escravo do mesmo jeito. Sem ter nada que uma criança precisa...em 1913 resolvi ser livre. E fugi. A liberdade era caríssima. Ganhava alguma coisa carregando compras das senhoras e comia como podia. Às vezes me contentava com as sobras do mercado. Como frutas amassadas. Dormia nos cestos lá do São José mesmo. Não sei quantas vezes acordei de madrugada com o fogo se aproximando de meu rosto. É que os moleques que não eram meus amigos esperavam que eu dormisse e tacavam fogo nos cestos comigo dentro (SANTOS, 2022, p.15).

Bem e Mal não se opõem para Exu. Tudo depende de contextos e situações, sendo ele, Exu, capaz de fazer o mal para levar o bem a um filho seu. Exu é movimento, ação, é barulho de rua, é ambiguidade e graça. É astúcia do mais fraco, é roubar ou recompensar quem faz por merecer seu desprezo

¹⁵ A expressão *Laroyê, Exu* (ou *Laroiê, Exu*) é usada como saudação à entidade e pode ser traduzida como "Salve, mensageiro". É originada da língua iorubá, grupo étnico africano da região da Nigéria. A língua iorubá é falada em países como Togo, Benim e Nigéria.

ou sua consideração (2022). Mercados, como o São José, são de Exu, lugares imemoriais de troca de mercadorias, palavras, saberes e informações.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi dito e mostrado ao longo do texto, os seres da noite são frequentemente associados a deidades negativas nas cosmogonias dominantes. Em muitas tradições, a noite é vista como um período em que espíritos maus e criaturas sobrenaturais saem para causar problemas e danos. Muitas religiões têm suas próprias figuras míticas associadas à noite e ao escuro, como demônios, diabos, fantasmas etc. Alguns exemplos incluem o deus egípcio Set, a deusa grega Hécate e, como já vimos, o demônio cristão Lúcifer.

No entanto, nem todas as cosmogonias veem os seres da noite como negativos. Algumas religiões, como o xamanismo, entre outras, veem os espíritos e deidades da noite como benéficos e protetores.

Assim, não seria possível falar sobre Madame Satã sem antes falar da noite e da sua simbologia histórica, de sua representação no imaginário que nos atravessa e que nos constitui. A noite, enquanto mistério, é temida e ao mesmo tempo é fascinante, assim como foi João Francisco dos Santos.

REFERÊNCIAS

ALIGHIERI, D. **A Divina Comédia: Inferno**. 1ª Edição (1998). Prefácio por Carmelo Distante, tradução e notas por Italo Eugenio Mauro. Edição bilíngue. 15ª Ed. São Paulo: Editora 34, 2008.

BENISTE, José. **Orun Àiyé – O Encontro de Dois Mundos**. 5ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

BLACK, J.; GREEN, A. **Gods, Demons and Symbols of Ancient Mesopotamia**. Austin: University of Texas Press, 2014.

BORDIN, Reginaldo Aliçandro. Mito e Religião na Sociedade Asteca. **Revista CESUMAR - Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**, V.8 n.1, jan. 2003

COSTA, DL., ANDRADE, SR. Algumas considerações sobre o Diabo na Divina Comédia. In MAGALHÃES, ACM., *et al.*, orgs. *O demoníaco na literatura* [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2012.

CRARY-Jonathan. **Capitalismo tardio e os fins do sono**. Trad. Joaquim Toledo Jr. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

ELIADE, Mircea. **Tratado de história das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FACINA, Adriana. **Jung na encruzilhada** (2022). Disponível em: <https://www.cejaa.com/textos-publicados> acesso em 05 de novembro de 2022.

GOMES, Pedro Augusto M.B.M. Pazuzu na Babilônia: funções e representações do espírito protetor – uma discussão bibliográfica. **Revista GAIA** – Instituto de História / UFRJ, v.12, n.1, 2021

JAIN, P.C e DALJEET: **Kali, The Most Powerful Cosmic Female**. Article of the Month – February 2009, http://www.exoticindia.com/article/goddess_kali

JUNG, Carl C. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Trad. Dora Mariana R. Ferreira da Silva, Maria Luiza Appy. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

KELLY, Henry Ansgar. **Satã: uma biografia**. São Paulo: Globo, 2008.

LEITE, Lourenço. **Do simbólico ao racional** - ensaio sobre a gênese da mitologia grega como uma introdução à filosofia. Bahia: Universidade Federal da Bahia - UFBA, 2001. <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/3744>

LINK, L. **O Diabo**: A máscara sem rosto. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos** - o declínio do individualismo nas sociedades de massa. 2ª edição. Tradução Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 1998.

MUNDURUKU, Daniel. **As serpentes que roubaram a noite e outros mitos**. São Paulo: Peirópolis, 2001.

NHAT HANH, Thich. **Sem lama não há lótus**: a arte de transformar o sofrimento. Tradução de Maria Goretti Rocha de Oliveira. – Petrópolis: Vozes, 2016.

ROSSI, Luiz Alexandre Solano. **Jesus vai ao McDonald's**: teologia e sociedade de consumo. 2ª edição. Curitiba: Champagnat Editora PUCPR, 2011.

SANTOS, João Francisco dos. **Memórias de madame satã**. São Paulo: Noir Editora, 2022.

SILVA, Geisa Rodrigues Leite. **As múltiplas faces de madame satã**: estéticas e políticas do corpo. Niterói. Editora da UFF, 2013.

SIMISCUKA, Mônica Império. **O símbolo da noite no Cancioneiro de Fernando Pessoa**. São Paulo: Universidade de São Paulo – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH/USP), 2007.

MADAME SATAN AND THE NIGHT'S IMAGINARIES

ABSTRACT

In this article, night, the devil and evil are investigated as parts of the social and imaginary construction of the myth of Madame Satã. The methodology obeys the logic of montage, which is related not only to film assembly, but especially here to the montage of the different fragments that build and feed the imaginary, through analogies and associations.

Keywords: Symbol. Imaginary. Madame Satã. Night.

MADAME SATAN Y LOS IMAGINARIOS NOTURNOS

RESUMEN

En este artículo, se investigan la noche, el diablo y el mal como partes de la construcción social e imaginaria del mito de Madame Sataná. La metodología sigue la lógica del montaje, que no solo está relacionada con la edición de películas, sino especialmente aquí con el montaje de diversos fragmentos que construyen y nutren el imaginario, a través de analogías y asociaciones.

Palabras clave: Símbolo. Imaginario. Madame Sataná. Noche.